

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO  
SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

---

SÉRIE ZOOLOGIA — Nº 87 — 4/1/1977

---

OBSERVAÇÕES SOBRE NIDIFICAÇÃO, MATERIAL DE NINHO, BANHO, ESPREGUIÇAR, BOCEJAR, CANTO E MOVIMENTO REALIZADO POR *TOPAZA PELLA PELLA* (Linné, 1758) e *TOPAZA PELLA PYRA* (Gould, 1846)

Augusto Ruschi  
Museu Nacional

Ha muitos anos que em nossas viagens a Amazonia brasileira, venezuelana, colombiana, peruana e equatoriana, temos encontrado ninhos de *Topaza pella pella* e *Topaza pella pyra*, ambos fazem o ninho sempre suspenso em um ramo, sobre a água, indo desde 50 centímetros a no máximo dois metros de altura; o mais comum é em local com água encachoeirada de pequenos córregos, nesse caso ele é mais próximo da água, 50 centímetros apenas e quando o volume de água é maior e a água não é em cachoeiras, ele pode estar até a dois metros de altura. O teor de umidade é muito importante para esse ninho, pois sua confecção especial, e seu tamanho relativamente pequeno, pois é menor do que um ninho de *Chlorostilbom aureoventris pucherani*, que é uma espécie cujo peso não chega a 4 gramas, enquanto a fêmea de *Topaza p.p.* pesa até 17 gramas. O ninho estando próximo da água, fica devido a umidade com uma coloração de tonalidade rosa mais escura, devido a umidade que recebe, uma vez retirado torna-se de coloração carne. A umidade lhe dá também uma elasticidade que parece ser feito de borracha esponjosa, cedendo muito bem a medida que os jovens vão crescendo. As vezes em pequena área, como encontramos na Serra do Navio, em cerca de 100 ms2, dez ninhos habitados com jovens três e os demais com postura (5) e dois em construção. Essa área era privilegiada pelo número de plantas com ramos horizontais, próprios e preferidos por *Topaza* para nidificação.

A fêmea utiliza unicamente o material vegetal, constituído de lanugem ferrugínea-rosada do raquis e pecíolo das folhas, facilmente destacável de espécies da Família *Osmundaceae*, no caso observado para *Topaza pella pella*, na Serra do Navio, Território do Amapá, trata-se de fibras lanosa do pecíolo e raquis de *Osmunda cinnamomea* Lin. e provavelmente de outras espécies como *Osmunda palustris* Schrad. estas fibras, após misturadas com a secreção que a fêmea elabora, torna-a como uma massa que se compacta como aparente borracha esponjosa, sendo muito elástica; pela parte externa do ninho a fêmea adiciona finíssimos fios de teia de aranha bem compactados e próximos no entrelaçamento. Ao exame de uma lupa com 20 e 50 aumentos já se observa essas fibras de *Osmunda cinnamomea*. Ocorre também as vezes que uma espécie de *Imenóptero* (marimbondo), utiliza o mesmo material para tecer seu ninho, onde coloca insetos com seus ovos no interior do corpo para a larva dele se alimentar e ali ninfoseia e após chega a imago, quando deixa esse ambiente; em ninhos velhos, já usados, de *Topaza p. pella*, encontramos esses *Imenopteros* com muitos insetos parasitados. A primeira notícia de ser o ninho de

**Topaza pella** constituída desse material, foi-me dada pelo Dr. C. H. Greenwalt, pois solicitou-me material para mandar verificar do que se tratava, e realmente em cativeiro em Santa Teresa, coloquei esse material com maior abundância no pécio de *Osmunda* sp. e verificamos como a fêmea conseguiu retirar o material e construir o seu ninho, tal qual o construído em seu habitat na Serra do Navio. A foto colorida em tamanho natural, foi feita na Serra do Navio, em 21.9.1975, juntamente o autor e sua assistente a Princesa Cristina Bourbon de Orleans e Bragança, naturalmente com camuflagem da aparelhagem e com máquina motorizada Nikon, e Flash eletrônico Braun, sendo comandada de 40 metros de distância, uma vez que a fêmea é muito arisca e em anos anteriores não nos permitiu fotografar, mesmo a tal distância por falta de camuflagem.

**BANHO** — *Topaza pella pella* e *Topaza pella pyra* (Gould, 1846). — escolhem um local situado nos igarapés, não muito longe das pequenas corredeiras, mas em uma poça onde a água esteja sem movimento, com pouca profundidade, de 25 a 60 cms.; nesse local todos os dias pela manhã entre 7 e 9 hs. e à tarde entre 4 e 6 hs. vêm tomar o banho costumeiro; interessante é que chegam vários exemplares machos e fêmeas e se vão sucedendo ao local para o banho, certamente que ha muita agressão de uns aos outros, pela disputa não do local, mas da ordem ou fila para atirar-se à água; observamos tanto na Serra do Navio como em outras localidades, do Brasil e Venezuela, que as vezes mais de 15 indivíduos frequentam o mesmo local para o banho, o canto chilreado e os sons agudos emitidos são frequentes nesse momento, sempre que ha disputa de ordem para ser respeitada entre os membros que vão banhar-se, sejam machos ou fêmeas. A água muito límpida, deixa que vejam o fundo com areia e após sobrevoar o local exato, se atiram a ele, um de cada vez e em mergulho que as vezes fazem um percurso sob a água de mais de 20 centímetros, conforme pudemos fotografar exemplares machos e fêmeas nessa atitude, e ao emergirem o fazem com certa velocidade, e saem quasi à vertical, lançando água por todos os lados, em fortes borrifos, seguindo em vôo para um pouso próximo, um ou dois metros e a pouca altura, para volverem por várias vezes mais, repetindo-se a mesma cena, e enfim pousam em local mais retirado, onde continuam a higiene da plumagem, sacudindo asas e causa por muitas vezes, para se desfazerem das gotículas de água que unedecem as penas. Também aproveitam o banho da chuva, fazendo movimentos com o corpo, para um e outro lado a fim de deixarem penetrar a água por entre as penas que conservam eriçadas para facilitar o contacto com o corpo; também neste caso as asas são muito movimentadas para o mesmo fim.

### O ESPREGUIÇAR

Em outros trabalhos, já descrevi a maneira de como procedem os beija-flores para se espreguiçar; isso ocorre por muitas vezes durante o dia. A primeira vez ocorre justamente ao despertar, entre cinco e seis horas da manhã, momentos antes de alçar vôo para ir em busca de alimentação. As demais vezes ocorrem sempre que se mantenham em pouso por mais de vinte minutos seguidos, ou pouco menos, tanto para alçarem vôo para alimentar-se, como para banhar-se ou para visitar locais onde ocorram flores nectaríferas de espécies preferidas, como para a captura de insetos ou pequenos artrópodos de que se alimentam, etc. Para realizar o completo espreguiçar, que consiste em tres fases distintas: Na primeira fase o beija-flor ao elevar uma pouca a cabeça, estende a asa do lado direito ao mesmo tempo que abre a cauda em sua metade, meio leque estendido, do mesmo lado direito; na segunda fase, faz o mesmo movimento com a cabeça, estende a asa e abre em meio leque do lado esquerdo; na terceira e última fase, torna a movimentar a cabeça, elevando-a, ao mesmo tempo que estende as duas asas, elevando uma sempre mais do que a outra e a cauda é toda estendida em leque completo; após alçavão para alguma atividade já especificada, e algumas vezes, permanece ainda em descanso, para dentro de mais dois ou tres minutos apenas repetir uma ou duas fases, sempre sendo a 3.<sup>a</sup> fase a que define a decisão de alçar o vôo. Quando o beija-flor que está pousado em descanso ou cantando, ou mesmo tomando banho de sol, por mais de vinte minutos, e alça vôo sem se espreguiçar, é porque algo de anormal aconteceu-lhe, seja um galho ou folha que caiu



Topaza pella pella

Fêmea de *Topaza p. pella* alimentando a prole no ninho

ou outro pássaro, cobra etc. se movimentou e foi por ele observado. Outro tipo já descrito por A. Ruschi (2), se realiza de maneira diversa e ímpar na espécie *Loddigesia meira*, elevar as duas asas e colocar as duas retrizes mais externas distendidas em sentido vertical, ou seja a 180° da posição normal, levantando-as, enquanto as outras duas retrizes centrais, permanecem na mesma posição normal; enquanto as externas formam uma figura no formato de uma Lira; isto ocorre devido ter essa espécie somente quatro retrizes, tanto no macho como na fêmea, mas, só o macho pode elevar as retrizes externas e mesmo pode elevar unicamente uma delas, enquanto estende a asa do mesmo lado da retriz elevada, sempre o movimento de elevação da cabeça para frente, com o bico para o alto, exprime o esforço que realiza para que os músculos "dorso-rectriciais" se contraíam e produzam o efeito para elevação das retrizes; na fêmea dessa espécie tudo ocorre de igual forma das demais espécies referidas, mas somente as duas retrizes se estendem em leque, enquanto as centrais permanecem em seu lugar, ou pouco extendidas.

### O BOCEJAR

O bocejar nos beija-flores ocorre também com mais intensidade na parte da manhã, entre 8 e 10 horas, sendo que em nossas observações não verificamos mais de 6 vezes ao dia para cada indivíduo. O bocejar consiste em abrir o bico, com um afastamento entre a maxila e a mandíbula em um ângulo de 60 a 75°; o tempo de duração desse ato não vai além de um a dois segundos. Ao bocejar a língua permanece em sua posição normal no interior da boca, alojada na parte inferior da mandíbula.

### A EXIBIÇÃO DA LÍNGUA

A língua nos beija-flores é muito protactil, os músculos que a formam e a maneira de como é implantada, bem como a sua dimensão que sempre é no mínimo o dobro do comprimento do bico e pode ser exibida para fora do bico em muitas espécies, como ocorre com *Topaza p. pella*, mais de duas vezes o comprimento do bico, deixando a mostra grande porção muscular do corpo hioideano que a forma; tal como acontece em muitos casos, quando a ave após capturar em vôo certos insetos que fazem parte de sua dieta alimentar, e pousados iniciam o ajuste da língua, desembainhando-a e em movimentos contínuos de vai e vem, de quando em quando, passa a exibi-la mais frequentemente, até que consegue engolir o artrópodo e em seguida acomodá-la em sua câmara. Casos ha de exibição da língua, durante a parada nupcial, como ocorre com *Phaethornis ruber ruber*, em que o macho, para excitar a fêmea e conseguir o acasalamento, necessita liberar através de estímulos essa tendência, de exhibir-lhe a língua e a fêmea, lhe observa os movimentos que se alternam com frases canoras e chilreados, de várias sílabas e melodias bem diversificadas; mas no paroxismo da fase de exibição que o macho executa, lança a língua para fora do bico, permanecendo com o bico aberto a mais de 90° e deixa que a língua exposta caia pendula para o lado. Também a exibição da língua na parada nupcial da espécie *Ensifera ensifera*, cujo bico chega a 16 cms. e a língua extendida com o bico ultrapassa de 35 cms. fazendo movimentos que se assemelham a um verme de maiores dimensões, porém em movimentos muito rápidos, que se projeta para fora do bico e é recolhido rapidamente.

### O CANTO E OS MOVIMENTOS REALIZADOS DURANTE O POUSO

Os movimentos realizados por *Tapaza pella pella* e *T. p. pyra*, além dos já referidos com o espreguiçar, bocejar, ainda se destacam os que realizam durante o canto, movendo a cabeça e chegando mesmo a abrir um pouco o bico e movimentando as penas do mento e da região da macula gutural; sendo que quando o canto que é um chilreado

muito forte, entremediado com frases agudas, para seguir com frases prolongadas e mais graves, isso as vezes se repete por muitas vezes, durante até mais de dez minutos seguidos. O grito de alarme é sempre uma repetição de 5 a dez vezes da sílaba xé-xé-xé-xé-xé-xé-mirabilis, pois tanto pode essa espécie realizar as três fases citadas, como logo na pri-xé-xé-xé-xé, numa disparada rápida e muito forte. O canto de luta é muito forte quando no ataque do macho se faz contra outro macho que invade sua área territorial, de alimentação ou de banho.

Os movimentos durante o pouso que são mais caracterizados em *Topaza*, são dois. Um se faz quando um outro, principalmente alguma fêmea que sai do bacho, ou mesmo um macho, se aproximam no mesmo ramo; tanto a fêmea como o macho podem se afastar com muita rapidez para a direita ou para esquerda, andando sobre o ramo, como se estivessem deslizando; tal a rapidez com a qual esse movimento se realiza. O outro é um movimento com o estremecer de asas, também realizado pelo macho, muito mais do que pela fêmea; sem sair do local, mas acompanhado de um canto de alerta, em som baixo e as vezes inaudível, mas sempre esse movimento é característico de uma suspeita de que algo poderá amendrotá-lo e se continuar espreitando e notar algum movimento de algum vertebrado, como ofídio, camaleão, homem etc. ele se acentua até que aumente o som do canto de alarme e em seguida alça o vôo para outro local.

### SUMMARY

In this paper de author describes the observations of the material for the nest, and the bathing, rest, gape, song and the perch movement, of the *TOPAZA PELLA PELLA* and *TOPAZA PELLA PYRA*.

### BIBLIOGRAFIA

- RUSCHI, A. — 1962 — A muda dos TROCHILIDAE. pg. 1-16. Bol. Mus. Biol. M. Leitão Ser. Biol. nr. 38.
- RUSCHI, A. — 1963 — A parada nupcial em alguns Troquilídeos da Amazonia; pls. 1-6 Bol. Mus. Biol. M. Leitão Ser. Divulgação nr. 6.
- RUSCHI, A. — 1963 — Os nomes vulgares dos Beija-flores do Território do Amapá. pgs. 1-3 — Bol. Mus. Biol. M. Leitão Ser. Divulgação nr. 10.
- RUSCHI, A. — 1964 — Os ovos de beija-flores pps. 1-4. Bol. Mus. Biol. M. Leitão, Ser. Biologia nr. 41.
- RUSCHI, A. — 1964 — O período de reprodução nos Beija-flores. pgs. 1-9, Bol. Mus. Biol. M. Leitão, Série Biologia nr. 42.
- RUSCHI, A. — 1967 — Beija-flores das Matas, dos Scrubs, das Savanas, dos Campos e Grasslands do Brasil e a sua Zoogeografia. Bol. Mus. Biol. M. Leitão, Sér. Biol. nr. 51 pgs. 1-23.
- RUSCHI, A. — 1973 — BEIJA-FLORES. pgs. 1-175. Com Suplemento em Inglês.
- RUSCHI, A. — 1973 — Algumas observações sobre: *TOPAZA PELLA PELLA*, Bol. Mus. Biol. M. Leitão. Sér. Zool. nr. 48 pgs. 1-3.
- RUSCHI, A. — 1973 — BEIJA-FLORES DO BRASIL — Introdução, Considerações Gerais, Chave artificial para a classificação dos ninhos de beija-flores, chaves analítica para determinar os Gêneros representados no Brasil. Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão. Sér. Zool. nr. 75. Pgs. 1-47.